



“CUIDADO, UM ESTUPRADOR ESTÁ ESCONDIDO AÍ!”: UM CURRÍCULO CULTURAL NÃO ESCOLAR A NOS FAZER PENSAR SOBRE OS ENFRENTAMENTOS ÀS VIOLÊNCIAS SEXUAIS¹

“CUIDADO, AHÍ DENTRO SE ESCONDE UN VIOLADOR!”: UN CURRÍCULO CULTURAL NO ESCOLAR PARA HACERNOS PENSAR EN ENFRENTAR LA VIOLENCIA SEXUAL

“BE CAREFUL, A RAPIST IS HIDING OUT THERE!”: A NON-SCHOOL CULTURAL CURRICULUM THAT MAKES US THINK ABOUT FACING SEXUAL VIOLENCE

Katiele Hundertmarck²

Betina Hillesheim³

RESUMO

A série Não nos Calaremos (2024) foi o artefato escolhido para destacarmos algumas pedagogias culturais que podem ensinar a partir de um currículo cultural não escolar. Para isso, realizamos a análise de determinadas situações de violências sexuais contra as jovens estudantes na série e problematizamos a partir dos referenciais teóricos dos Currículos Culturais Não Escolares e dos Estudos de Gêneros. Os principais apontamentos são os ensinamentos sobre as denúncias de violências sexuais, fazendo coro às lutas feministas de eliminação de todas as formas de violências contra as mulheres, apesar de alguns cenários conservadores que visam barrar tais discussões do campo público. Ademais, consideramos que essas pedagogias colaboram para a visibilidade das práticas de resistências às violências sexuais, ensinando-nos para não nos calarmos diante destas e de nenhuma outra forma de violência.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo Cultural Não Escolar. Escola. Violências Sexuais. Juventudes.

¹ Trabalho realizado com apoio do Programa Institucional de Incentivo à Qualificação Profissional de Servidores do Instituto Federal Farroupilha (IFFar).

² Doutoranda em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Enfermeira escolar no Instituto Federal Farroupilha Campus Júlio de Castilhos (IFFar JC), Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Doutora em Psicologia (PUCRS). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e no Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Rio Grande do Sul, Brasil.

RESUMEN

La serie No nos Silaremos (2024) fue el artefacto elegido para resaltar algunas pedagogías culturales que pueden enseñar desde un currículo cultural no escolar. Para ello, analizamos ciertas situaciones presentadas en la serie a partir de los referentes teóricos de los Currículos Culturales Extraescolares y de los Estudios de Género. Los puntos principales son las enseñanzas sobre cómo denunciar la violencia sexual, haciendo eco de las luchas feministas para eliminar todas las formas de violencia contra las mujeres, a pesar de algunos escenarios conservadores que apuntan a excluir tales debates del campo público. Además, consideramos que estas pedagogías contribuyen a visibilizar prácticas de resistencia a la violencia sexual, enseñándonos a no quedarnos callados ante esta o cualquier otra forma de violencia.

PALABRAS-CLAVE: Curriculum Cultural No Escolar. Escuela. Violencia sexual. Jóvenes.

ABSTRACT

The series We will not be silent (2024) was the artifact chosen to highlight some cultural pedagogies that can teach from a non-school cultural curriculum. To this end, we analyzed certain situations presented in the series based on the theoretical references of Non-School Cultural Curricula and Gender Studies. The main points are the teachings on reporting sexual violence, echoing the feminist struggles to eliminate all forms of violence against women, despite some conservative scenarios that aim to bar such discussions from the public field. Furthermore, we consider that these pedagogies contribute to the visibility of practices of resistance to sexual violence, teaching us not to remain silent in the face of this or any other form of violence.

KEYWORDS: Non-School Cultural Curriculum. School. Sexual Violence. Youths.

* * *

[...] *O estado opressor é um macho estuprador* [...]

Dafne Valdés, Paula Cometa, Sibila Sotomayor e Lea Cáceres (2019)

Introdução

“Cuidado, um estuprador está escondido aí” (Não nos Calaremos, 2024, Episódio 1: Piloto, 02:41 min., *tradução nossa*) é a impactante frase contida na cena inicial da série Não nos Calaremos (2024), disponível na plataforma Netflix⁴, quando a personagem principal, Alma, faz anunciar uma das suas práticas de resistências às violências sexuais na escola. A partir disso, os episódios da série se desenvolvem, apresentando vivências de Alma e suas amigas Greta e Nata especialmente relacionadas com as violências dentro

⁴ Netflix é uma plataforma de filmes, documentários e séries disponíveis mediante assinatura.

e fora da escola. De imediato, o primeiro episódio denuncia: há um estuprador na escola e as jovens estudantes não irão se calar diante dessas e outras violências sexuais. Contudo, até que possam chegar a resolução desses casos, sofrem tantas outras violências em seus percursos de pessoas que vivem as subjetividades e materialidades femininas.

Embora a série seja espanhola, as violências sexuais contra as juventudes é também uma realidade brasileira que permeia, em especial, as mulheres, pois são estas as que mais sofrem esses tipos de violências (correspondendo à 92,7% dos casos notificados), e em maior parte dos casos (68,6%), os criminosos são pessoas da família e/ou conhecidos das vítimas, sendo a residência o local de maior incidência dos casos (64,1%) (Brasil, 2024). Ser ou estar mulher corresponde ao medo constante de sofrer alguma violência sexual em quaisquer espaços de convivência (Instituto Patrícia Galvão, 2020), no quais os ambientes conhecidos, são os com mais riscos (Brasil, 2024).

Dos dados notificados de violências sexuais contra as jovens, o estupro corresponde à 66,4% dos casos (Brasil, 2024). Para esse público, as violências sexuais, de modo geral, são recorrentes em 44,7% das situações (Brasil, 2024)⁵.

Nesta esteira, cabe socializar o conceito utilizado para identificar as violências sexuais, no qual aquele que diz tratar-se de

qualquer ação na qual uma pessoa, valendo-se de sua posição de poder e fazendo uso de força física, coerção, intimidação ou influência psicológica, com uso ou não de armas ou drogas, obriga outra pessoa, de qualquer sexo e idade, a ter, presenciar ou participar de alguma maneira de interações sexuais, ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, com fins de lucro, vingança ou outra intenção (Brasil, 2016, p. 58).

Já o estupro é considerado como um tipo de violência sexual caracterizado por “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (Brasil, 2009, art. 213).

De modo geral, as violências sexuais são uma temática polêmica, geram certa comoção social, mas ainda seguem invisibilizadas por parte da sociedade. Diante disso, escolhemos o artefato em destaque por entendermos que contém pedagogias capazes de reforçar o quanto essas violências seguem acontecendo, são atualizadas e como tais,

⁵ Notadamente precisamos ponderar acerca das subnotificações dessas violências, tensionando a produção desses dados com os desafios que envolvem as notificações compulsórias das violências sexuais contra as juventudes no Brasil. Contudo, esses são os dados utilizados para se pensar nas políticas públicas de enfrentamento às violências, por exemplo, sendo, desse modo, os subsídios para as ações que envolvem essas questões. Todavia, é nosso dever ético alertar nossas leitoras acerca dessa problemática, para que, assim como nós, coloquem esses dados em suspeição e o considerem nas reflexões sobre esse tema.

recebem práticas de resistências. À vista disso, é do nosso interesse destacar e problematizar determinadas pedagogias envolvidas na série, enquanto um currículo cultural não escolar que tem potência de ensinar sobre prevenção e enfrentamento às violências sexuais, para além de um entretenimento que se esperaria de um produto cultural.

Para a citação e apresentação das situações, ratificamos os aspectos éticos da pesquisa envolvendo imagens, sob o uso da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Brasil, 1998), fazendo referência à obra durante as escritas do artigo.

Não nos Calaremos (2024): possibilitando pensar sobre um Currículo Cultural Não Escolar

Para além dos currículos escolares propriamente ditos, entre aqueles que versam nas disciplinas e conteúdos formais na escola, “as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa” (Tomaz Tadeu da Silva, 2020, p. 139) assim como objetivam os primeiros. Em disputas, os Currículos Culturais Não Escolares (CCNEs) negociam representações e sentidos, contribuindo com a produção de sujeitos demandados de certos modos. Logo, os artefatos dotados de pedagogias culturais concorrem para ensinar sobre as temáticas que abordam.

Sendo assim, consideramos por pedagogias culturais as práticas que acontecem para além do contexto escolar, agindo em outros espaços educativos para disseminar condutas, comportamentos e valores, produzindo sujeitos sob diferentes perspectivas (Paula Deporte de Andrade e Marisa Vorraber Costa, 2015; Caroline Amaral Amaral, Fabiani Figueiredo Caseira e Joanalira Corpes Magalhães, 2017).

Para nós, é interessante pensar que

como um conjunto de saberes e práticas, a pedagogia parece ser esse elo articulador entre, de um lado, ensinamentos e, de outro, práticas que são adotadas para que cada um opere sobre si mesmo, fazendo (ou não) com que os ensinamentos – articulados a discursos – de uma cultura atuem e façam parte de cada existência (Viviane Castro Camozzato, 2014, p. 584).

Onde levamos em consideração que “[...] ao mesmo tempo que a cultura em geral é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural; o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural” (Tomaz Tadeu da Silva, 1999, p. 139).

Para Marlécio Maknamara (2020, p.60-61),

[...] há toda uma maquinaria não-escolar atribuindo significados a lugares, coisas, fenômenos, práticas e sujeitos, tem-se reconhecido que diferentes artefatos culturais constituem um currículo, um currículo cultural [...].

Um certo currículo que seleciona alguns interesses a serem ensinados. Utiliza-se de ferramentas para nomear e dar sentidos, compreender as situações, representar determinadas questões, produzindo certas verdades sobre as coisas que apresenta (Shirlei Rezende Sales e Marlucy Alves Paraíso, 2011). Assim, o currículo, qualquer que seja, deseja modificar alguma coisa em alguém. Isso nos toca na medida que os episódios da série parecem intencionar uma juventude que não deve se calar diante das violências sexuais. Contudo, não há garantias de que esse ou outro ou quaisquer currículos consigam transformar algo ou alguém. É sobre uma aposta realizada pelas pedagogias contidas nesses artefatos.

A nós interessa o processo de fazer pensar, de nos provocar diante daquilo que nos apresenta: as violências sexuais e suas práticas de resistências. Sendo uma aposta, o CCNE em análise, tem nos levado a pensar sobre as pedagogias que podem ensinar práticas para sobreviver aos cotidianos de tantas violências, a tecer resistências, a desobedecer regras abusivas, a subverter as margens e aos centros que tanto inviabilizam. Também para denunciar que alguma escola pode ser um espaço não seguro para todas as pessoas, podendo ser um contexto de reiteração de violências, de silenciamentos, de pagamentos das jovens e que necessita ser um espaço de discussão das temáticas que envolvem prevenção às violências (Brasil, 2017).

Nesse caso, o CCNE em funcionamento mostra que mesmo não estando propriamente na escola, pode habitar e/ou se fazer pensar na escola, em movimento de constante deslocamento (Danilo Araújo de Oliveira e Rita de Cássia Prazeres Frangella, 2022). Logo, não é possível pensar a redução da educação ao ensino escolar, pois outras instâncias podem ser educativas também, acionando diferentes currículos (Oliveira e Frangella, 2022). Nesta direção, os sentidos são ampliados para investigarmos e problematizarmos a respeito de algumas situações apresentadas na série Não Nos Calaremos (2024), pois as juventudes podem ser educadas em outros espaços para além da escola, haja visto que as jovens vivenciam outros contextos diversos que contribuem para as suas subjetividades, sejam eles presenciais ou virtuais (Manuel Benjamin Monteiro Liberal Sousa e Juliana Ribeiro de Vargas. 2024).

Estudos de Gêneros e o Currículo Cultural Não Escolar

Em linhas gerais, os Estudos de Gêneros destacam as desigualdades entre as pessoas com base nas diferenças de gêneros, denunciando hierarquias e relações de poder que visam beneficiar as pessoas masculinas em detrimento das femininas (Joan Scott, 1995). Tão logo, essas desigualdades produzem iniquidades relacionadas à constituição das subjetividades femininas, que podem culminar, inclusive, nas mulheres como as maiores vítimas de violências sexuais, quando associamos as vulnerabilidades históricas e culturais desse público (Judith Butler, 2019).

Na educação, a principal crítica surge nos modos como vamos sendo educadas a partir das situações que naturalizam as feminilidades e as masculinidades a partir da universalidades de modos únicos de ser mulher e de ser homem, reduzindo comportamentos aos estereótipos construídos de que haveria uma perspectiva essencialista que produz mulheres e homens de modos diferentes pela constituição biológica (Guacira Lopes Louro, 2014). Equivocada afirmativa cria condições fixas para os modos de atuação, contribuindo para a ideia de que é impossível mudanças, e de que mulheres e homens são assim de forma nata. Logo, é necessário considerar as construções sociais, culturais, históricas no desenvolvimento das pessoas, que mantêm padrões desiguais de ser e estar mulher e de ser e estar homem. Nesta perspectiva, esses estudos surgem como problematizadores de tais naturalizações, tecendo resistências para provocar, por exemplo, como as mulheres tornam-se as vítimas potenciais de violências sexuais, como são a maioria dos casos desses crimes? Esta é uma questão contemporânea, pois eliminar todas as formas de violências contra as mulheres ainda é a principal pauta feminista (Marcia Tiburi, 2020).

Desse modo, ratificamos que “a crítica pós-estruturalista, complexificada pelas estudiosas feministas, têm buscado problematizar noções de corpo e de sexualidade agregadas ao conceito de gênero”(Dinah Quesada Beck e Bianca Salazar Guizzo, 2013. p. 178). Isso para sustentar que não há diferenças biológicas que justifiquem as desigualdades construídas social e culturalmente entre mulheres, homens e pessoas com outras construções de gêneros.

Logo,

[...] para os Estudos de Gênero - que compreendem o caráter efêmero e transitório do corpo - a ideia de base biológica e binária (homem x mulher) vai dando abertura e espaço nas teorizações para o entendimento de que o corpo (e a sexualidade) são constructos sociais,

culturais, políticos e historicamente engajados, constituídos e situados, marcados por signos e códigos do tempo presente (Beck; Guizzo, 2013, p. 179).

Na análise em destaque, temos que os gêneros são relacionais, permeados por relações de poder, sendo uma categoria científica para argumentar que as mulheres, apesar da aquisição de alguns direitos, seguem sendo prejudicadas em vários aspectos pelo fato de materialmente e subjetivamente serem ou estarem mulheres (Scott, 1995; Judith Butler, 2022).

Procedimentos Metodológicos

Realizamos a análise de determinadas situações da série Não nos Calaremos (2024) a partir dos referenciais teóricos dos Currículos Culturais Não Escolares e dos Estudos de Gêneros. Assistimos aos episódios da série com a intencionalidade de destacar algumas pedagogias culturais capazes de ensinar sobre as violências sexuais nas juventudes e as práticas de resistências tecidas pelas estudantes. Para isso, atentemo-nos às narrativas e escolhemos aquelas que consideramos com maior capacidade de gerar discussões.

Utilizamos as lentes dos estudos dos Currículos Culturais Não Escolares e dos estudos de Gêneros entrelaçando viabilidades questionadoras de se pensar em modos alternativos de investigação, “[...] acolhendo o entendimento de que é possível produzir saberes ao apresentar respostas provisórias e temporárias aos estudos” (Beck; Guizzo, 2013, p. 173). Desse modo, não objetivamos desvendar algo, nem mesmo trazer uma resolução e afirmações prescritivas sobre a produção de novas verdades a partir desse estudo. Estamos nos propondo a aprender algo, operando com as provisóriedades, com as incertezas e com as limitações próprias de pesquisadoras localizadas que estamos.

Para selecionar as situações a serem analisadas, assistimos a todos os oito episódios da série, registrando as questões que consideramos mais importantes para a discussão, de acordo com o objetivo proposto para este artigo. Conforme Cristiano Eduardo da Rosa, Jaime Eduardo Zanette e Jane Felipe (2021, p. 240), “[...] o instrumento filmico é encarado como um constructo de significados - atravessados pelo social e cultural - que nos interpelam”. Desta forma, consideramos que as situações selecionadas estão implicadas com nossas concepções a partir das lentes que construímos, assim como das nossas disponibilidades ao escolhê-las. Inspiramo-nos na proposta de Maknamara

(2020) para sublinhar as dimensões privilegiadas, as narrativas para ensinar e os modos de vida apresentados.

As pedagogias e as violências na série Não nos Calaremos (2024)

A série está classificada como um drama e foi produzida e disponibilizada pela Netflix desde 2024 no Brasil e conta atualmente com oito episódios na primeira temporada. É uma criação de José Manuel Lorenzo e Miguel Sáez Carral.

Na Fig 1., a imagem da capa inicial da série da Netflix ao clicarmos para a busca por esse título.

FIGURA 1: Tela da série Não nos Calaremos (2024)



Fonte: Não nos Calaremos (2024).

Interessante pontuar que a série surgiu a partir de uma adaptação do livro escrito por Miguel Sáez Carral, autor que problematizou a questão de ser um homem e da sua dificuldade de imaginar todos os desafios que envolvem denunciar essas violências. Além disso, o autor salientou sobre os julgamentos sociais das mulheres que fazem as denúncias quanto ao mérito de ser ou não verdade e ainda de serem entendidas como loucas ou vagabundas. Segundo o outro criador da série, José Manuel Lorenzo, a ideia dessa produção surge para que a temática seja refletida no sentido de não se naturalizar essas violências (Diário de Sevilla, 2024). A partir da criação dessa série por dois homens e das discussões que eles nos permitem fazer a partir do artefato, percebemos que a temática de prevenção e de denúncias às violências sexuais contra meninas e mulheres deve ser de responsabilidade de todas as pessoas e não somente daquelas que são as principais vítimas. Dito isso, parece-nos necessário mencionar que o fato de serem homens a provocar essas discussões a partir da série pode ter o seu cunho pedagógico para ampliar e agregar mais homens para essa causa.

Na série, a personagem principal Alma é uma jovem estudante do ensino médio que convive com suas amigas Greta e Nata, que também vivenciam alguns desafios nas suas juventudes. Permeadas por violências, as três jovens levantam questões pertinentes para se pensar nas pluralidades juvenis e nas relações de gêneros que as auxiliam na produção de suas subjetividades. Além delas, a personagem Berta, ganha visibilidade na trama ao compartilhar com Alma sobre as violências sexuais que sofreu do professor da escola.

Entre esses desafios das jovens, causados pelo modelo socialmente construído, no decorrer dos oito episódios, as estudantes lidam com diversas questões causadas pelas desigualdades entre os gêneros, pelas opressões que sofrem por serem ou estarem mulheres. Entre estes, destacamos: *a)* vivências das sexualidades com prazeres e desejos marcados pela pornografia, que nesses casos causa a objetificação dos seus corpos femininos; *b)* relacionamentos abusivos; *c)* uso e abusos de drogas, que levam a pensar sobre consentimentos, ou não, de relacionamentos sexuais; *d)* sofrimentos mentais advindos das violências sexuais; *e)* constantes agressões sobre os comportamentos sexuais femininos, considerando as meninas como “putas” e “safadas”, ao manifestarem os seus desejos sexuais. É preciso mencionar que a série é atual e destaca a importância dos feminismos para romper com estas desigualdades entre homens e mulheres. É notável que as jovens tecem resistências a essas violências, promovem reflexões sobre como identificar e da importância de denunciar as violências, das opressões advindas de um modo heteropatriarcal, das amizades e união femininas e feministas como uma potência de lutar contra as violências.

Na Fig. 2, vemos Alma na entrada da escola determinada a denunciar as violências sexuais. A série antecipa a que se destina: tratar sobre violências sexuais contra as juventudes na escola e que ninguém irá calar a voz nessas meninas. De imediato, somos levadas a ser impactadas pelo desenrolar da trama: com as temáticas fortes e necessárias para pensarmos a respeito das violências.

FIGURA 2: “Cuidado, um estuprador está escondido aí”



Fonte: Não nos Calaremos (2024, Episódio 1: Piloto, 2:41 min.).

Alma nos propõe a discussão de que as violências sexuais contra as jovens não advém de uma perspectiva individual, uma vez que, ao longo dos episódios, observamos que as reflexões perpassam por questões sociais de modos específicos de masculinidades e feminilidades construídas por relações de poder generificadas. Nesta perspectiva, a crítica se dá pelo fato de que, em geral, ao tratar deste tema, “[...] omitem-se os aspectos sociais e culturais que produzem a “monstruosidade”, como o adultocentrismo, a construção das masculinidades e feminilidades valorizadas socialmente, as relações desiguais de gênero decorrentes desse processo [...]” (Raquel Baptista Spaziani, 2020, p. 280), tornando cada vez mais distante a eliminação dessa violência. Desse modo, Alma inicia o convite para que todas as pessoas questionem os modos como temos produzido contextos de vida capazes de violentar as jovens. O que nos lembra uma canção ativista que tem se tornado popular no Brasil “[...] o estado opressor é um macho estuprador [...]” (Valdés, Cometa, Sotomayor e Cáceres, 2019, s.p), em que as várias instâncias concorrem para a manutenção dessas violências. Nesta linha, concordamos com Françoise Vergès (2021, p. 7) que é preciso a “[...] reflexão sobre a violência como componente estruturante do patriarcado e do capitalismo, e não como uma especificidade masculina”.

Na Fig. 3, destacamos a tatuagem “feminist” de Alma, em uma imagem da noite em que ela, sob efeitos de drogas, foi violentada pelo amigo Hernan. Nesta situação, ganha repercussão a discussão sobre consentimento. Alma faz questionar: um amigo teria uma relação sexual com ela naquele estado? Um amigo, vendo-a naquela ocasião, sem condições de decidir, deveria garantir a segurança dela e levá-la para casa? Também a tatuagem relembra a postura feminista de Alma em todos os episódios, trazendo

tensionamentos sobre o que são as violências, como identificá-las e reforçando a importância de realizar as denúncias.

FIGURA 3: Feministas



Fonte: Não nos Calaremos (2024, Episódio 4: Idiota, 4:42 min.).

Em outro destaque da série, Alma ensina sobre o envio de fotos de pênis, sem a anuência da receptora, como um crime, no Brasil enquadrado como uma importunação sexual (Brasil, 2018). Importante informação que nem sempre está acessível a todas as mulheres, o chamado “*cyberflashing*” consiste em enviar, sem permissão, fotos de genitais para alguém que não solicitou. Neste sentido, fica o alerta a essa prática criminosa que tornou-se mais uma forma de violação.

Outro ensinamento advindo do ativismo feminista de Alma refere-se à discussão da temática de relacionamentos abusivos nas juventudes. A personagem Nata namora com Alberto, e vivencia algumas situações violentas: ter relações sexuais indesejáveis, ainda que consentidas, aceitar comentários constrangedores, ficar vulnerável a uma tentativa de estupro, planejada por Alberto e seus amigos, bem como não se sentir valorizada por ele. A abordagem dessa temática pode ensinar que os namoros não devem ser passíveis de submissão, e assim, precisam ser problematizadas as posturas das jovens, e da sociedade, em identificar as violências nesses relacionamentos, em especial, nos contextos que naturalizam esses eventos (Ana Virginia Rodrigues Veríssimo et al., 2022).

Importante ressaltar que há menção ao 8M, dia 8 de março, reconhecido Dia Internacional das Mulheres, como uma pauta na sala de aula e de ativismo social, dando nome, inclusive ao episódio 5 da série, em que Alma reitera a importância desse dia, tendo que combater e tecer resistências às violências de gêneros para argumentar sobre as lutas feministas contra todas as formas de opressões contra as mulheres. A propósito, ao longo da trama, há destaque para símbolos e frases feministas.

Na figura 4, Alma e Berta conversam sobre as violências sexuais que Berta sofreu na escola. Berta manifesta que não quer denunciar o professor porque não tem provas concretas e pensa que ninguém irá acreditar nela, fazendo Alma prometer que não irá contar para ninguém. Como alternativa, Alma sugere a criação de um perfil falso no *Instagram* para denunciar essas violências, com a intenção de que outras possíveis vítimas possam identificar o mesmo criminoso. A partir disso, as duas produzem postagens denunciando as diversas violências. Porém em determinado momento, Alma desconfia que tais violências sexuais contra Berta podem não ser verdadeiras, haja vista que a sua aproximação com o professor agressor gerou certa ideia de que ele não é um abusador.

Nessa situação, desapontada com mais uma descrença, Berta suicida-se, desencadeando diversas situações a partir da investigação criminal que a coloca em suspeição. Estaria Alma falando a verdade? Ou estaria produzindo falsas afirmações contra o professor? Afinal, é possível acreditar naquilo que Berta disse? Berta teria mesmo sofrido alguma violência? Com a denúncia, Alma passa a sofrer outras violências, incluindo a desacreditação de suas afirmações e reverberando as narrativas machistas que tentam nos confundir: será mesmo que estamos sendo violentadas? será que provocamos as violências que sofremos? será que falamos a verdade? Quem pode falar? Quem pode não se calar? Quem pode silenciar?

FIGURA 4: Berta compartilha sobre as violências com Alma



Fonte: Não nos Calaremos (2024, Episódio 6: Berta, 14:17 min).

Nesta questão, Alma ensina-nos sobre um complexo desafio social, cultural e histórico: acreditar nas mulheres vítimas de violências sexuais. Para Debora Diniz (2022, p.17), “[...] ouvir (...) é gesto ativo para o encontro feminista - somente sendo capaz de ouvir é que seremos tocadas por outras vidas diferentes da nossa”. Neste sentido, é dar

afetos aquilo que se escuta e que pode ser utilizado a defesa dos direitos das outras mulheres. Então, “que começemos a ouvir as mulheres!” (Ivone Gebara, 2022, p. 26), dando importância às suas falas, denunciando as desigualdades que nos rodeiam, pois “não acolhemos mais o silêncio da obediência em nós” (Gebara, 2022, p. 29).

Cabe mencionar que a série destaca sobre as possíveis repercussões das violências sexuais na vida das jovens, marcadamente na personagem Berta: baixa autoestima, tentativas de suicídios, crises de ansiedade, depressão, medo constante, entre outros. A apresentação dessa realidade pode ajudar as pessoas que convivem com alguém que foi vítima a identificar esses sinais, mediante a mudança no padrão de comportamento. De acordo com Maria de Nazaré Sousa Gomes Castro e Joaquim de Souza Ribeiro (2023), as mulheres violentadas podem ter essas repercussões na vida adulta, podendo prejudicar a saúde biopsicológica e o desenvolvimento cognitivo, acarretando diversas limitações.

Com a morte de Berta, Alma sente que cada vez mais precisa estar ativa contra a cultura do estupro⁶. Para isso, segue buscando encontrar outras vítimas para tentar comprovar que o professor é um estuprador, como Berta argumentava. O que ela logo descobre a partir de perceber que há mais uma vítima na sua escola. A partir disso, com o apoio de sua família, ela decide ir até a escola e fixar a faixa que vemos na Fig 5, abraçando a menina também vítima de violência sexual na escola, para que nenhuma menina sinta-se sozinha. Sua voz, ou seus silenciamentos, precisam repercutir.

FIGURA 5: Feministas



Fonte: Não nos Calaremos (2024, Episódio 8: Sangue e lágrimas, 35:05 min.).

⁶ Para cultura do estupro, trazemos a definição de “[...] um conjunto de comportamentos e ações que toleram o estupro praticado contra mulheres em nossa sociedade” (Carmen Hein de Campos et al., 2017, p.982)

Posteriormente, o diretor da escola chama a polícia, que ao chegar, conduz preso o professor estuprador, pois, com as postagens do *Instagram*, outra vítima foi identificada, auxiliando nas investigações. Assim como nos estudos de Roniel Santos Figueiredo e Marcos Lopes de Souza (2024, p. 72), ecoa que apesar da quase certeza de impunidade que muitos criminosos têm, com o apoio de outras meninas e demais pessoas da sociedade, é possível acontecer o caso de “[...] essas garotas conseguiram romper com a barreira do silêncio e, em um espaço coletivo, se despiram da vergonha e do discurso que, diversas vezes, é evocado para culpabilizar as mulheres que sofrem violência sexual”.

À vista disso, esses autores ratificam os movimentos de resistências das estudantes para “[...] [sobre/sub]vivência [...]” (Figueiredo e Souza, 2024, p. 72) nesses contextos carregados de violências, com potência de romper, na medida de suas possibilidades, essas complexidades.

Em suma, advém de nossas análises que as vivências das jovens estudantes entoam alguns apontamentos, os quais entendemos como educativos na série, na medida que tornam-se currículos a ensinar sobre: *a)* críticas à desacreditação de falas femininas, propiciando a discussão sobre quais pessoas têm legitimidade para falar; *b)* as relações de poder entre as jovens estudantes e um professor homem adulto; *c)* jovens como vítimas de diversas violências; *d)* como identificar as violências, ao tensionar o que é ou não uma violência, trazendo à discussão sobre não as naturalizar; *e)* caráter social e coletivo das violências em detrimento de individualizações; *f)* ao passo que sofrem tamanhas violências, as jovens tecem práticas de resistências, ensinando sobre a importância das denúncias contra as violências sexuais e que, embora haja tentativas de silenciamentos, não irão calar a elas.

Considerações Finais

Nessas escritas, realizamos a análise de algumas de violências sexuais contra as jovens estudantes apresentadas na série espanhola *Não nos Calaremos* (2024) para destacar determinadas pedagogias culturais que pudessem ser educativas para pensarmos a respeito dos enfrentamentos a essas violências. Interessou-nos fazer constar sobre as práticas de resistências tecidas por essas jovens para a sobrevivências em contextos de tantas violências.

A respeito dessas tessituras, destacamos a solidariedade entre as meninas para juntas denunciarem, foco principal da série ao mostrar a importância de não se calar diante

de nenhum abuso. A união entre elas mostrou-se fundamental para a produção das resistências, para a acreditação, entre as próprias jovens e a comunidade, como um todo. O fato da série ter propiciado a reflexão sobre a desacreditação das jovens que sofrem violências é impactante para pensarmos em quanto esse quesito impede que mais violências sejam denunciadas e, assim, cessadas. Deste modo, parece-nos de relevância atentarmos para essa possibilidade quanto desenvolvemos ações com essas temáticas, na tentativa de encorajarmos as pessoas para denunciarem os abusos sofridos.

Nas situações destacadas, a série apresenta desafios juvenis diante de tantas violências, fazendo com que sejamos interpeladas a pensar a respeito da identificação das violências, de não as naturalizar, dos tensionamentos dos relacionamentos abusivos, das tentativas de silenciamento das mulheres, da importância da mobilização feminista em prol da igualdade de direitos e daquela que ainda tem sido a principal pauta desses movimentos: acabar com todas as formas de violências contra as mulheres.

Resistir, nesses contextos de violência é um desafio vital. Ou seja, uma prática fundamentada na sobrevivência como um modo, inclusive de dizer que estamos aqui, atentas e não nos calaremos. Contudo, como a série problematiza, as violências sexuais são complexas e podem causar muitos traumas para as vítimas, limitando a sua existência, a própria vontade - ou condições - de e para seguir vivendo, ainda que seja em um espaço de extrema privação e danos. Além disso, a série tem a preocupação de discutir a complexidade que envolve as denúncias, dada a cultura do estupro contra as jovens que pode perpetuar essas violências, sem simplificar ou banalizar as denúncias como algo fácil de se fazer. Talvez tenha sido este o principal ponto a ser discutido: como as violências sexuais contra meninas e mulheres ainda são tão difíceis de serem eliminadas.

Neste contexto, é pertinente salientar que, ao articular particularmente com a escola, é possível pensar neste artefato a ser utilizado com estudantes, bem como educadoras e educadores para debater a temática, pois ele comunica importantes informações a respeito dos enfrentamentos às violências sexuais. Essa iniciativa corrobora para se pensar na educação para as sexualidades a partir de um cenário das juventudes, movimentando saberes e provocando novas discussões (Rosa, Zanette e Felipe, 2021).

Pensar sobre as violências sexuais na escola permite que sejam revisitadas as informações sobre esses crimes, suas formas de enfrentamentos e todas as complexidades que ainda fazem com que essas violências sigam acontecendo. Discutir pela perspectiva das vítimas, como a série nos proporciona, pode nos trazer elementos significativos para

tentar romper com essas estruturas, visto que são significativamente machistas e sexistas, e, por conta disso, violentas contra as subjetividades femininas.

Certamente, tal análise deve ser ampliada e revista, pois diversos outros elementos não constam nessas breves linhas. Contudo, acreditamos que pudemos mobilizar um novo olhar para esse artefato no sentido de causar deslocamentos de um produto cultural para discutirmos como um currículo cultural não escolar nos sensibiliza para a pauta das violências sexuais contra as juventudes.

Referências

- AMARAL, Caroline Amaral; CASEIRA, Fabiani Figueiredo; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Artefatos culturais: pensando algumas potencialidades para discussão dos corpos, gêneros e sexualidades. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (org.). *Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade*, 2017. Disponível em: http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7097/debates_contemporaneos_educacao_sexualidade.pdf?sequence=1. Acesso em: 24 ago. 2024.
- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. Revista Textura. v.17, n.34, p.48-63, mai./ago.2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>. Acesso em: 24 ago. 2024.
- BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos Culturais e Estudos de Gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. *Revista Holos*, Natal, v. 4, n. 29, p. 172-182, 2013. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1597/714>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- BRASIL. *Lei 13.718, de 24 de setembro de 2018*. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm. Acesso em: 13 mai. 2024.
- BRASIL. *Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998*. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 24 ago. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Vigilância de acidentes e violências 2013-2014*. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/livro_viva_vigil_violencia_acidentes_2013_2014.pdf. Acesso em: 24 ago. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Viva: *instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada*, 2016, 92p. Disponível em:

<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpessoal_autoprovocada_2ed.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2024.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009*. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei nº 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm. Acesso em: 09 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021*. Boletim Epidemiológico, Brasília, v. 54, p. 1-15, 29 fev. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08>. Acesso em: 17 jun. 2024.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019. 400p.

BUTLER, Judith. *Desfazendo gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022, 451p.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do Presente. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/JQGQqFY6bhHXDRrLj8Sn56P/?format=pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

CAMPOS, Carmen Hein de; MACHADO, Lia Zanotta; NUNES, Jordana Klein; SILVA, Alexandra dos Reis. Cultura do estupro ou cultura antiestupro? *Revista Direito GV*, v.13, n.3, p.981-1006, set.dez, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/FCxmMqMmws3rnnLTJFP9xzR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CASTRO, Maria de Nazaré Sousa Gomes; RIBEIRO, Joaquim de Souza. Repercussões no curso de vida de mulheres adultas que vivenciaram o abuso sexual na infância. *Revista Diversidade e Educação*, v.11, n.2, p.717-739, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/16013/10643>. Acesso em: 25 ago. 2024.

DIÁRIO DE SEVILLA. *¿Hay un violador en tu instituto? 'Ni una más', la serie que llega a Netflix*. Redacción, 31 de maio 2024. Disponível em: https://www.diariodesevilla.es/television/violador-instituto-serie-llega-Netflix-video_0_1907511246.html. Acesso em: 15 nov. 2024.

DINIZ, Debora. Ouvir. In: DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022, p.17-24.

FIGUEIREDO, Roniel Santos; SOUZA, Marcos Lopes de. O que um filme pode fazer conosco e o que podemos fazer com um filme? Produções discursivas de jovens negras sobre violência sexual acionadas por meio do longa-metragem “Preciosa: uma história de esperança”. *Revista Diversidade e Educação*, v.12, n.1, p.51-77, 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/17265/11187>. Acesso em: 25 ago. 2024.

GEBARA, Ivone. Ouvir. In: DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022, p.25-36.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Pesquisa Percepções sobre estupro e aborto previsto por lei*. 2020, 104p. Disponível em: https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2021/11/Locomotiva_IPG_EstuproeAbortoPrevistoPorLeiNovembro2020.pdf. Acesso em: 25 ago. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 184p.

MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 2, jun. 2020. ISSN 1982-9949. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14189>. Acesso em 24 ago. 2024.

NÃO nos calaremos. Direção: Eduard Cortés. Intérpretes: Nicole Wallace, Clara Galle, Aicha Villaverde, Teresa de Mera, Gabriel Guevara, Iván Massagué *et al.*, Roteiro: José Manuel Lorenzo e Miguel Sáez Carral. Netflix, 2024. 8 episódios (315 min).

OLIVEIRA, Danilo Araújo de; FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Currículos culturais não escolares: sobre um campo em constante expansão, invenção e criação para afirmação da vida. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 27, n. 61, p. 3-12, set./dez. 2022. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1774/1236>. Acesso em: 24 ago. 2024.

ROSA, Cristiano Eduardo da; ZANETTE, Jaime Eduardo; FELIPE, Jane. Da série ‘Sex Education’ aos desafios contemporâneos de uma educação para a sexualidade. *Revista Textura*, v.23, n.53, jan./mar. 2021, p. 238-259. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5802> Acesso em: 25 ago. 2024.

SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. Juventude ciborgue e a transgressão das fronteiras de gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/bnFXrSHskPWcdRjTfJFBJz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 25 ago. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: *uma introdução às teorias de currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documento de Identidade: *uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte; Autêntica, 1999.

SOUSA, Manuel Benjamin Monteiro Liberal; VARGAS, Juliana Ribeiro de. Youths and cultural pedagogies: lessons beyond school. *Revista Textura*, v. 26, n.65, p. 302-323, jan./mar.2024. Disponível em:

<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/7743>. Acesso em 24 ago. 2024.

SPAZIANI, Raquel Baptista. As dimensões de gênero na produção da violência sexual contra crianças. *Revista Gênero*, v.21, n.1, p.265-284, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/46927/26917>. Acesso em: 25 ago. 2024.

TIBURI, Marcia. Feminismo em comum: *para todas, todes e todos*. 14aed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020, 126p.

VALDÉS, Dafne; COMETA, Paula; SOTOMAYOR, Sibila; CÁCERES, Lea . *Un violador en tu camino*. In: Carta Capital. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/o-estuprador-e-voce-musica-feminista-contra-violencia-percorre-o-mundo/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

VERGÉS, Françoise. *Uma teoria feminista da violência*. São Paulo: Ubu Editora, 2021, 160p.

VERÍSSIMO, Ana Virginia Rodrigues et al. Prevalência e fatores associados à violência no namoro entre adolescentes de escola pública. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. p.1-15, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/w4kWQQSzyfFfjDCjhR6CWTM/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 25 ago. 2024.



Recebido em maio de 2025.

Aprovado em junho de 2025.